

GARCIA, Iane. **Profanar**: estratégias de micropolíticas no corpo como resistências afetivas. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós Graduação em dança; Mestrado; Adriana Bittencourt Machado. FAPESB; Bolsa de Mestrado Acadêmico. Artista da cena, bailarina e performer.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a questionar formas de re-existências através do corpo e do movimento, pensando brechas de atuações contra os dispositivos de poder contemporâneos, que capturam e anestesiam os corpos. Tais brechas aqui problematizadas vêm da possibilidade de profanar o corpo através da consciência corporal e do cuidado de si, experienciadas pela Metodologia Angel Vianna de consciência pelo movimento. Nesse sentido, o propósito desta pesquisa, em desenvolvimento é propor a experientiação dos seus corpos, do autocuidado e da conscientização corporal como forma de combate a uma estrutura social que captura a potência de vida dos corpos. Compreendendo a ação política do corpo, ao ter propriedade sobre si e suas integralidades, adquire-se uma existência plena e uma atuação consciente. Este artigo pretende apresentar algumas ações experienciadas em laboratório, como caminhos para o autocuidado e formas de enfrentamento a uma lógica social estabelecida.

Palavras-chave: Metodologia Angel Vianna. Somática. Micropolítica. Biopoder. Dança.

ABSTRACT

The present work proposes to question form sofre-existences through the body and the movement, thinking breaches of actuations against the contemporary devices of power, that capture and anesthetize the bodies. Such problematic loopholes come from the possibility of desecrating the body through bodily awareness and self-care, experienced by the Angel Vianna Method of consciousness through movement. In this sense, the purpose of this research, in development, is to propose the experience of their bodies, self care and body awareness as a way of combating a social structure that captures the life potency of bodies. Understanding the political action of the body, having ownership over it self and its integralities, acquires a full existence and a conscious action. This article intends to present some actions experienced in the laboratory, as ways for self care and ways of coping with an established social logic.

Keywords: Angel Vianna methodology. Somatic. Micropolitics. Biopower. Dance.

Vivemos em tempos de crise; o biopoder, conceito criado pelo filósofo francês Michel Foucault há muito incide sobre os corpos, reduzindo a vida a uma sobrevivência. Cansados e despotencializados, os corpos seguem sobreviventes dos tempos modernos. *O poder tomou de assalto a vida* (PÉLBART, P. P. 2008. p. 1), e o que podemos ver é uma grande apatia coletiva. No entanto, RIBEIRO et. al. (2016, p. 14) dizem

[...] através do próprio Foucault (1984) percebemos que as formas de resistência também mudaram de foco: a possibilidade de resistir ocorre também através do corpo, da relação que estabelecemos com os códigos sociais que possibilite o criar da existência.

Como uma fita de moebius, o oposto ao biopoder seria a biopotência. E de que forma poderíamos encontrar meios de driblar uma lógica social já estabelecida? Quais caminhos poderíamos trilhar nessa contramão?

Neste artigo apresento e discuto a abordagem somática de Angel Vianna como geradora de processos de subjetivação empoderadores dos corpos.

A Metodologia Angel Vianna de consciência pelo movimento e jogos corporais, abordagem somática, utilizada em formato pedagógico artístico – tem como objetivos a integração sensibilidade/consciência, a funcionalidade corporal, a apropriação das suas subjetividades para uma vivência pessoal e profissional mais plena. Angel e Klauss Vianna foram pioneiros na pesquisa e proposição de um corpo consciente e expressivo, ao privilegiar o sentimento do movimento, e ampliaram assim os horizontes da dança e do teatro no Brasil.

Tal metodologia busca desenvolver o autoconhecimento do corpo e de suas potencialidades psicofísicas, para que o indivíduo descubra por si só todas as suas possibilidades motoras e expressivas. Através dessa metodologia e por meio do movimento, o indivíduo é convidado a desvelar a dança que já subexiste em si.

Promovi um laboratório de práticas corporais intitulado “Danças de guerra ou modos de reexistir em tempos de crise”. A proposta era fazermos uma partilha de alguns conceitos sobre poder, política e estado de exceção e

verificar na prática do movimento de que forma os outros corpos assimilam tais propostas.

Iniciei o laboratório contextualizando sobre a pesquisa e o que pretendia explorar em aula. A ideia do nome deste laboratório é uma metáfora sobre o quanto e de que forma precisamos nos “armar” com nossos corpos. Porém, o intuito é constatar que será através da sensibilidade e do encontro que podemos descobrir essas formas de se reinventar e reexistir. RIBEIRO (2017), em seu artigo “A dança como política do encontro com pessoas e lugares”, propõe a ocupação afetiva da cidade e indaga como pode a dança ativar as questões políticas do território em que atuamos? Como pode a dança, em sua dimensão de encontro, ser uma experiência de re-existência? Algumas perguntas como essas foram norteadoras da investigação de movimento e reflexões no laboratório.

Iniciamos nossa conversa abordando o panorama político atual no Brasil e todas as lutas em defesa da nossa frágil democracia. Questões como anestesiamiento dos corpos diante da perda dos nossos direitos básicos, a falta de credibilidade diante de um cenário político imerso em escândalos de corrupção, a violência, a miséria e o ideal do brasileiro na busca de um “salvador da pátria” foram motes discutidos a fundo. Trouxemos uma perspectiva desses 30 anos de democracia brasileira, em que metade dela foi constituída pelos governos de direita, vindo de um longo período de ditadura militar no país e tendo esse caráter governante até a transformação em governos neoliberais, em que o foco de atuação seria as privatizações, com a destituição de parte fundamental do setor produtivo estatal, além do avanço da terceirização no interior dos governos, a liberação comercial e financeira, assim como as reformas trabalhistas, previdenciária, entre outras. Em seguida, a entrada no poder por um governo de esquerda proporcionou ao país uma trajetória distinta dos então governos neoliberais outrora em vigência por mais de uma década, produzindo assim resultados inéditos em termos de expansão econômica, como a quitação da grande dívida externa do país, produzida nos governos anteriores e maior equilíbrio da justiça social, cuja redução da pobreza e da desigualdade de renda foram expressões inegáveis no Brasil. O programa *Fome Zero* foi uma das grandes ações

de erradicação da fome e pilar dos então governos de esquerda que entraram no poder.

Diante de tais reflexões, citei o *Comitê do Invisível*, um grupo de pensadores anônimos ativistas sediados na França e que publicou este ano o livro *Motim e Destituição Agora*, publicado no Brasil pela editora n-1 edições. Com provocações contundentes e atuais, estes apresentam um panorama político atual, baseando-se nos conflitos da primavera de 2016 em Paris. Os mesmos afirmam que somos os contemporâneos de uma civilização em processo de fragmentação e que também se reflete e espelha a realidade política brasileira. Conforme INVISÍVEL (2017, p. 07) cita

Todas as razões para fazer uma revolução estão aí. Não falta nenhuma. O naufrágio da política, a arrogância dos poderosos, o reino do falso, a vulgaridade das riquezas, os cataclismos da indústria, a miséria galopante, a exploração nua, o apocalipse ecológico - de nada somos poupados, nem mesmo de estar informados sobre isso... Todas as razões estão reunidas, mas não são as razões que fazem as revoluções, são os corpos. E os corpos estão diante das telas.

Ou seja, para que haja uma revolução, precisamos de corpo! E os corpos estão capturados. Existe uma alienação controlada e incentivada dos corpos, como meio de adestramento e paralisia; uma forma sutil de controle, em que o biopoder atua em nossas subjetividades.

Ainda citando INVISÍVEL (2017, p. 57), estes afirmam que

A condição do reino dos GAFAs (Google, Apple, Facebook, Amazon) é trabalhar para o isolamento real de cada um. É imobilizar os corpos. É manter cada um recluso em sua bolha significante... A humanidade assiste enfeitiçada ao seu naufrágio como a um espetáculo de alto nível.

E ficamos com a grande questão: como transformar tal panorama desalentador destes tempos políticos em que vivemos? Quais possibilidades de libertar os corpos e as mentes inflexíveis? Em nosso laboratório, não esgotamos nossas reflexões, pois não se trata de questões simples, mas de levantamos desejos e ideais do que projetamos ser possíveis caminhos para ações concretas. Uma delas é a necessidade de estarmos juntos, cada vez mais diagnosticado e mostrado nas ruas em movimentos sociais e manifestações políticas de diversas ordens, ocupação dos espaços públicos

como uma via afetiva de estar nas cidades, principalmente as grandes capitais, em que são cada vez menos projetadas para as pessoas diante de um ritmo frenético e iminência constante da violência provocada pelas desigualdades sociais; além disso, de estarmos juntos nas micropolíticas: encontros pessoais com amigos e pessoas que compactuam com nossas visões em diversos espaços. Aqui se faz a política dos encontros; através dos afetos, do olhar nos olhos das pessoas, das conversas informais, fortalecemos nosso senso de coletivo, logo, de democracia. E a sensibilização dos corpos, através de práticas corporais que proporcionem consciência e autorregulação.

PELBART (2008, p. 62) nos provoca a questionar a pensar o poder e suas formas de insujeição ao refletir que

[...] aquilo que chamamos de civilização é resultado de um progressivo silenciamento do corpo; dos seus ruídos, impulsos, movimentos, arrotos, peidos etc. Mas também o que o corpo não aguenta mais é a docilização que lhe foi imposta pelas disciplinas nas fábricas, nas escolas, nos exércitos, nas prisões, nos hospitais, pela máquina panóptica. E tendo em vista o que dissemos recentemente, o que o corpo não aguenta mais é a mutilação biopolítica, a intervenção biotecnológica, a modulação estética, a digitalização bioinformática do corpo, o seu entorpecimento, esse hedonismo. Em suma, num sentido muito amplo, o que o corpo não aguenta mais é a mortificação sobrevivencialista. Seja em um estado de exceção, como num campo de concentração, seja na banalidade cotidiana, como em um shopping center das nossas cidades.

Após debatermos diversos assuntos, sugeri uma prática somática, inspirada na Metodologia Angel Vianna de consciência pelo movimento. Propus aos presentes que levássemos para o movimento todos os assuntos discutidos até então; tudo o que havíamos movido através das nossas ideias e reflexões até ali, e ainda trazendo também o conceito de danças de guerra, título deste laboratório, para pensarmos em como podemos, através dos nossos corpos, afetos e movimento, chegar a algum lugar, alguma ação ou não-ação, de enfrentamento aos tempos de crise.

Iniciamos no chão, essa superfície que nos acolhe e delimita nosso contorno corporal. Orientei-os a repousarem sobre o chão e a observarem a si mesmos. Quais sensações emergem, como eu relaxo e entrego o peso do corpo ao chão; como eu percebo sensações, memórias e sentimentos que possam vir à consciência. E a prática iniciou com micro movimentos, sempre

atentos a qualquer afeto que os atravessasse; a partir do chão, iniciamos movimentações pelas direções ósseas, sutilmente provocando deslocamentos no espaço.

A conscientização corporal ocorre na integração sensibilidade/consciência, gerando estados corporais ativos e por onde se abrem as portas da percepção de si, eu-corpo. IMBASSAÍ (2006, P. 47) nos explica que

Do ponto de vista da conscientização corporal, o trabalho com o movimento tem por objetivo desfazer bloqueios e abrir as portas da sensibilidade, permitindo que a pessoa perceba que dentro de si existe uma energia impulsionada por um ritmo que lhe confere dinâmica.

Sugeri que possíveis encontros poderiam ocorrer. Logo, possíveis diálogos corporais se estabeleceriam ali. Buscando uma atitude atenta e presente, os corpos se encontraram e estabeleceram um diálogo corporal. Baseado no ritmo da respiração, os participantes iam fluindo nos seus movimentos, refinando uma escuta de si e do outro, através do toque no outro, e tendo o chão como suporte. Diluímo-nos em todos e não mais havia protagonismos; éramos um corpo só, uníssono. Após esse momento, sugeri que encontrássemos um lugar no espaço e buscássemos a nossa verdade no movimento. Esse mesmo autocuidado que houve no encontro com o outro, agora teríamos também para conosco, preservando nosso espaço individual. Ao cessar do movimento, nos reunimos para partilhar as impressões do que foi vivenciado nesta dança e retomarmos alguns conceitos abordados no início do laboratório.

Sem a pretensão de esgotar tal assunto abordado neste artigo, a pesquisa se desenvolve em práticas de laboratório e partilha de ideias, que objetiva encontrar meios de, ao entrarmos em contato com nosso corpo e nossa subjetividade, descobrirmos novas formas de re-existências.

Referências

IMBASSAÍ, M. H. **Sensibilidade no cotidiano** – conscientização corporal. Rio de Janeiro: Uapê, 2006.

INVISÍVEL, C. **Motim e destituição agora**. São Paulo: N-1, 2017.

PELBART, P. P. Biopolítica. **Sala Preta**, 7., 57-66, 2007 . Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57320>. Acesso em: 03 nov. 2018.

RIBEIRO, R. S. T. **Sensorial do corpo** – via Régia ao inconsciente. Rio de Janeiro: Eduff, 2016.

RIBEIRO, R. S. T. *et. al.* A dança como política do encontro com pessoas e lugares. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 29, n. 2, p. 143-151, maio-ago. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5158/5012>. Acesso em: 01 nov. 2018.